

CONSIDERAÇÕES SOBRE PREFÁCIO E SUA FUNÇÃO NA OBRA DE CÂMARA CASCUDO

Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro (UERN)

RESUMO: Uma leitura de prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo, a obras literárias e não literárias a partir da década de 20 do século XX (1921-1984). Considerando o vocábulo no seu significado: “Latim *praefatio*, ação de falar no princípio. Sinônimo de ‘prólogo’, no sentido de texto que precede ou introduz uma obra” (MOISÉS, 1999, p. 416). Nesta pesquisa, entende-se como prefácio o texto escrito e publicado com o intuito de fornecer informações que facilitem a leitura e/ou o entendimento da obra à qual ele faz referência, independentemente de vir nas páginas iniciais, quando recebe o nome de prólogo, carta ao leitor, proêmio, introito, preâmbulo, introdução, etc., ou quando aparece apenas nas últimas páginas do livro e passa a intitular-se posfácio. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter biobibliográfico e interpretativo, tendo em vista que parte da análise de textos e utiliza-se do método indutivo, foca na profundidade do entendimento que o pesquisador tem sobre o objeto pesquisado. Para o estudo desse gênero recorreremos a Sales (2003), Teles (1986/1989/2010), Clemente (1986) e Candido (2005). O conjunto de prefácios constitui um vasto material de pesquisa que permitirá aos estudiosos darem continuidade ao trabalho iniciado.

PALAVRAS-CHAVE: Prefácio. Luís da Câmara Cascudo. Rio Grande do Norte. Memória. Tradição. Século XX.

RESUMEN: Una lectura de prefacios escritos por Luís da Câmara Cascudo, desde obras literarias y no literarias, a partir de la década de 20 del siglo XX (1921-1984). Considerando el vocablo en su significado: “Latín *praefatio*, acción de hablar en el principio. Sinónimo de ‘prólogo’ en el sentido de texto que precede o introduce una obra” (MOISÉS, 1999, p.416). En esta investigación, se entiende como prefacio el texto escrito y publicado con el intuito de fornecer informaciones que faciliten la lectura y/o el entendimiento de la obra a cual él hace referencia, independiente de venir en las páginas iniciales, cuando recibe el nombre de prólogo, carta al lector, proemio, introito, preámbulo, introducción, etc., o cuando aparece apenas en la última página del libro y pasa a intitularse epílogo. Se trata de una investigación cualitativa, de carácter bio-bibliográfico e interpretativo, teniendo en vista que parte del análisis de los textos se utiliza del método inductivo, centra en la profundidad del entendimiento que el investigador tiene sobre el objeto investigado. Para el estudio de ese género recorrimos a Sales (2003), Teles (1986/1989/2010), Clemente (1986) y Candido (2005). El conjunto de prefacios constituye un vasto material de investigación que permitirá a los estudiosos a dar continuidad al trabajo iniciado.

PALABRAS-CLAVE: Prefacio. Luís da Câmara Cascudo. Rio Grande do Norte. Memoria. Tradición. Siglo XX.

A Memória é a Imaginação do Povo,
mantida e comunicável pela
Tradição, movimentando as Culturas
convergadas para o Uso,
através do Tempo.
Luís da Câmara Cascudo
(Prefácio de *Tradição, Ciência do Povo*)

Durante seus 87 anos de vida, Luís da Câmara Cascudo produziu uma vasta obra, dentre as quais se destacam *Alma Patrícia* (1921) e *Joio* (1924), livros de crítica literária, *Vaqueiros e Cantadores* (1939), que tematiza a cultura popular, e *Rede de Dormir* (1957), cujo subtítulo já explica do que trata a obra: é “uma pesquisa etnográfica”. Ao todo, são mais de 150 títulos que compõem a extensa lista de livros sobre os mais variados temas. Além de escrever, o pesquisador também prefaciava muitas obras, desde autores locais – norte-rio-grandenses – com circulação restrita no cenário literário, a brasileiros como José de Alencar e Silvio Romero, que tiveram livros prefaciados por ele.

Ao pesquisar sobre o gênero em estudo, observamos que o vocábulo “prefácio” admite diversos significados. No *Dicionário de Termos Literários* (1999, p. 416), encontramos o seguinte: “Latim *praefatio*, ação de falar no princípio. Sinônimo de ‘prólogo’, no sentido de texto que precede ou introduz uma obra”. Tal definição indica apenas um dos possíveis propósitos do gênero, tendo em vista que ele pode também fazer referência a outros textos que acompanham a obra, vindo no seu início ou não. Como a escritura do prefácio não possui uma forma fixa, definida, compete ao prefaciador adotar o “modelo” considerado adequado para cada obra a ser prefaciada; por esse motivo, é comum encontrarmos textos introdutórios no formato de carta, de entrevista, de depoimento, e em muitos outros. O seu conteúdo quase sempre contempla considerações sobre o livro ao qual se refere, mas às vezes traz, também, dados biográficos do autor e informações que o prefaciador fornece ao leitor com o propósito de facilitar o entendimento da obra.

O ponto de partida da análise dos prefácios cascudianos é a proposição de que leitura deles viabiliza uma melhor compreensão da história da literatura, da memória cultural e da literatura produzida especificamente no Rio Grande do Norte. Nesse sentido, Antonio Candido (2002, p. 87) sugere que, quando se trata do literário, o dado local “se vai modificando e adaptando, superando as formas mais grosseiras até dar a impressão de que se dissolveu na generalidade dos temas universais”. Isso nos mostra

que, na visão do crítico, local e universal devem se harmonizar no contexto da obra literária. E, mesmo sabendo que o crítico literário não se referia ao gênero em estudo, nem ao ambiente no qual ele foi produzido, observamos que o seu pensamento pode ser aplicado a esse contexto.

A partir da leitura desses prefácios, pudemos perceber a preocupação de Luís da Câmara Cascudo em estudar as obras literárias produzidas no Rio Grande do Norte, a fim de organizar e posteriormente construir uma história literária. Por esse motivo, buscamos analisar o conteúdo dos prefácios observando como se dá o processo de sistematização da literatura local, a partir dos elementos presentes nos paratextos como parecia ser o desejo do prefaciador, já expresso desde os primeiros prólogos, ainda na década de 1920 (cf. CASCUDO, 1986, p. 7): transformar os vários estudos sobre a literatura local em fonte de pesquisa.

A vasta obra que compõe o quadro da produção intelectual de Luís da Câmara Cascudo já foi contemplada com diversos estudos. Assim, como é múltipla a obra, é também o ser que a produziu. Por isso há pesquisas sobre o pensador, sobre o etnógrafo, sobre o historiador, o folclorista, etc. Há também, a julgar pelo banco de dissertações e teses da Capes e da UFRN, diversos trabalhos acadêmicos acerca da correspondência (cf. GOMES, 1999) trocada entre ele e seus amigos ilustres (políticos, escritores, pesquisadores, poetas, etc.), sobre a sua atuação como crítico literário (cf. FERREIRA, 2000) e sobre a sua poesia (cf. GALVÃO, 2012). Há ainda outras pesquisas sendo concluídas sobre livros de Luís da Câmara Cascudo. Apesar de todos esses trabalhos já citados, acreditamos haver ainda muito a ser pesquisado e, indo nessa direção, buscamos, decidimos investigar acerca de outro viés da obra cascudiana: o prefaciador de obras literárias e não literárias. Pensamos que, à medida que o autor ia pesquisando, escrevendo e publicando suas importantes obras, sobre as variadas temáticas, novas ideias iam surgindo, as quais ele ia, também, rediscutindo e reescrevendo em seus prefácios, os quais, por sua vez, dialogavam com elas (obras/ideias). Ou seja, ele utilizava o prefácio como um espaço aberto para atualizar as suas discussões. O gênero em estudo era, portanto, usado por Luís da Câmara Cascudo como mais um espaço de debate.

Acreditamos, assim, que algumas ideias eram desenvolvidas e amadurecidas ao longo de textos introdutórios que serviam como espaços de discussão para o autor. Dessa forma, na nossa perspectiva, eles contribuíram para a construção, ou consolidação, da tradição literária e cultural no Rio Grande do Norte, pois revelam, em

seu conteúdo, detalhes do pensamento do autor sobre sua própria obra e sobre a do escritor prefaciado.

Entendemos que o gênero em estudo poderá vir a contribuir no que se refere a uma melhor compreensão da obra do autor, partindo do princípio de que ele se revela em seus escritos, deixando informações biográficas que podem servir como referência para conhecer sua vida e obra. Tomando isso como referência e levando para o âmbito da literatura, buscamos entender como Luís da Câmara Cascudo se via através de sua obra ou a partir de que perspectiva a enxergava.

Muitos desses textos, eram publicados em jornais e revistas do Rio Grande do Norte e de outros estados do Brasil antes de serem transformados em prefácios¹. O fato de Luís da Câmara Cascudo ter iniciado sua trajetória de escritor em jornais, mais especificamente em *A Imprensa* (1914-1927), periódico criado pelo seu pai para que ele pudesse exercer o ofício de escritor, demonstra a relação estreita existente entre sua obra e essa ferramenta de divulgação.

1. O prefácio e seu *status* de gênero

Acredita-se que os primeiros textos introdutórios tenham sido escritos, no Brasil, a partir de 1820, com o advento do romance oitocentista: “A presença de um texto introdutório nos romances oitocentistas verifica-se desde 1826, na novela **Statira** e **Zoroastes** e é comum em boa parte das obras desse período” (SALES, 2003, p. 18, grifos do autor).

Conforme registra Sales (2003, p. 20), as dedicatórias e os agradecimentos são os responsáveis pelo surgimento dos prefácios, pois esses eram espaços criados pelos autores para expor notas de respeito e gratidão por aqueles que promoviam sua obra, já que naqueles tempos o ofício de escritor não proporcionava o sustento nem garantia a sobrevivência e, de um modo geral, os escritores eram levados a aceitar o apadrinhamento de pessoas abastadas. A partir dessa perspectiva, pode-se dizer, portanto, que o prefácio configura uma tradição secular na literatura, pois surgiu a partir das dedicatórias e agradecimentos e evoluiu ganhando *status* de gênero.

Para a maioria daqueles que se debruçaram sobre o gênero no intuito de estudá-lo, não importa a nomenclatura recebida e/ou o lugar ocupado pelo texto; no caso

¹ Sobre essa temática, leia-se Dantas Monteiro (2013, p. 149-168).

específico do prefácio, o local físico pode até indicar que ele está no princípio, mas não determina sua função, que permanece a mesma:

Não importa o termo ou a etimologia, o campo semântico refere-se à introdução, a explicação prévia. Algo que o autor ou alguém diz da obra. De um modo geral, vem no início do trabalho, sendo uma peça realizada depois da obra completa. Dessa forma, por exemplo, prefácio ou posfácio se equivalem, embora venham no início ou no término do livro (CLEMENTE, 1986, p. 1).

Considerado como um gênero de fronteira, permanecer nela parece ser a sua forma de se manter longe daquilo que se espera dele; por isso acreditamos que o caráter “autoritário” e didático do prefácio é o que lhe permite guiar o leitor pelo caminho desconhecido do texto.

É pertinente informar que, apesar de ser um gênero muito presente em obras das mais diversas áreas do conhecimento, os estudos sobre ele são quase inexistentes e se restringem praticamente à Literatura. Por isso coube à Literatura a missão de estudá-lo e é nessa perspectiva que direcionamos nossa investigação. Carece enfatizar, também, as múltiplas denominações recebidas ao longo de sua trajetória: “O prefácio assume, na história, múltiplas denominações latinas, gregas ou vernáculas. Assim temos: prefácio, posfácio, proêmio, prolegômenos, prólogo, introdução, aviso, advertência, etc.” (CLEMENTE, 1986, p. 1).

Preâmbulo, carta ao leitor, introito, são mais alguns dos muitos nomes dados para o gênero prefácio. O escritor Gilberto Mendonça Teles (1989, p. 5) destaca a estreita relação do paratexto com a Literatura:

Todo texto destinado a recobrir os vários tipos de linguagem que se produz ao lado de uma obra literária, guardando com ela relações simétricas ou assimétricas, uma vez que procura reduplicá-la, explicá-la, reduzi-la ou colocar-se como índice de seu relacionamento com o mundo da literatura ou com as estruturas extraliterárias que a cercaram no momento mesmo de sua criação.

O pesquisador Cléber dos Santos Vieira (2008, p. 4) chama a atenção para o caráter de documento e sua proximidade com a história:

Denominam-se prefácios todos os discursos liminares produzidos a propósito de determinado texto. Os vínculos sistemáticos, históricos e contextuais com o impresso converteram os prefácios em preciosas fontes de pesquisa da história do livro nos mais variados gêneros da cultura escrita.

Selecionamos essas definições para o gênero em discussão, pois, de forma deveras pragmática, elas se complementam, estão em consonância com a nossa pesquisa e nos auxiliaram também a pensar sobre a sua utilidade.

A denominação prefácio é usada genericamente, no nosso trabalho, para todos os textos introdutórios produzidos por Luís da Câmara Cascudo acerca de obras literárias ou não literárias de escritores, assim como de sua própria obra, a partir de 1921, ano em que ele inicia sua trajetória como prefaciador.

Entendemos como prefácio o texto escrito e publicado com o intuito de fornecer informações que facilitem a leitura e/ou o entendimento da obra à qual ele faz referência, independentemente de vir nas páginas iniciais, quando recebe o nome de prólogo, carta ao leitor, proêmio, introito, preâmbulo, introdução etc., ou quando aparece apenas nas últimas páginas do livro e passa a intitular-se posfácio. Ao longo de anos, alguns prefácios mereceram destaque e se tornaram, pode-se dizer, verdadeiras obras literárias, a saber.

O prefácio do romance *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616), marca o princípio da escritura do gênero na Literatura moderna ocidental, pois é nele que se inicia a tradição de se escrever um prefácio à obra literária. Apesar de trazer uma dedicatória, esse livro inova ao principiar essa tradição e apresentar ao universo da Literatura o prefácio como se conhece hoje:

DESOCUPADO LEITOR: Não preciso prestar aqui um juramento para que creias que com toda a minha vontade quisera que este livro, como filho do entendimento, fosse o mais formoso, o mais galhardo, e discreto que se pudesse imaginar [...].
O que eu somente muito desejava era dar-te mondada e despida, sem os ornatos de prólogo nem do inumerável catálogo dos costumados sonetos, epigramas, e elogios, que no princípio dos livros por aí é uso pôr-se; pois não tenho remédio senão dizer-te que, apesar de me haver custado algum trabalho a composição desta história, foi, contudo, o maior de todos fazer esta prefação, que vais agora lendo [...].
(SAAVEDRA, 1958, p. 11-2).

A saudação ao leitor, tão comum ainda hoje, foi o modo encontrado pelo escritor para se aproximar de seu público, ganhar a sua confiança e, dessa forma, estabelecer o pacto que perpassou séculos e permanece na atualidade.

Acontecimentos e/ou situações curiosas envolvendo esse gênero fazem parte da Historiografia Literária e do universo da literatura e acabaram por transformá-lo

praticamente em mito. Friedrich Nietzsche (1844-1900), ainda no século XIX, escreveu *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, e, de fato, eles nunca chegaram a ser escritos. Essa atitude improvável e inédita do filósofo alemão configurou a independência dos textos, que desse modo passaram a isentar a escritura das respectivas obras. A exemplo desses, outros prefácios ganharam notoriedade ao se destacarem e serem considerados mais importantes que a própria obra à qual faziam referência.

Em *Cantos do fim do século* (1878), Sílvio Romero (1851-1914) escreveu um prefácio intitulado “A poesia de hoje”, e nele chama a atenção ao afirmar que “Um prólogo a um livro de versos é coisa que se não lê, e quase sempre com razão”. Essa suposição do crítico pode estar baseada no fato de o leitor, ao se deparar com o texto literário, poder optar por ir direto ao ponto: a sua leitura. O deleite que a poesia proporciona pode apressar a ida do leitor ao texto. Mas essa constatação do autor pode indicar também um dado da modernidade: a urgência em ler pode estar atrelada às outras atividades que precisam de rapidez em sua realização.

A atualidade temática presente no texto introdutório escrito por Romero é o que o torna relevante. Caso tivesse sido escrito na contemporaneidade, ele se justificaria pela necessidade que as pessoas têm em concluir com pressa suas tarefas. Contudo o prólogo foi escrito em novembro de 1878 e a pressa, certamente, não era o motivo, pelo menos o único, para o leitor não ler o texto. A razão talvez fosse a mesma até hoje: a leitura do prefácio configura-se como dispensável. Desnecessário ou não, de certo, o gênero em discussão é visto como menor e, como vem à margem da obra literária, é tido como marginal e, desse modo, está cercado de conceitos pré-estabelecidos.

No entanto, não há quem duvide da utilidade dos prólogos, e os escritores, nas mais diferentes épocas, fizeram o bom uso dele como ferramenta para esclarecer, ampliar e/ou auxiliar no diálogo com seu leitor: “A poesia é um resultado da organização humana, nada tem de absoluto, nem de sobrenatural; nada também de desprezível e de repugnante para nós” (ROMERO, 1878, p. V). Ao utilizar o espaço do prefácio para expor a sua concepção de poesia, o crítico faz jus ao papel desse paratexto, cuja função é apresentar dados que possam mediar a relação do leitor com o autor e seu texto, e facilitar o entendimento da obra.

“Prefácio Interessantíssimo”, de Mário de Andrade, em *Pauliceia Desvairada* (1922), também se destaca por trazer discussões sobre arte, poesia e sobre a poética modernista. Nota-se que o conhecido texto do escritor paulista tem forte caráter híbrido, pois nele há boa dose de poesia com predomínio da função metalinguística: “Quando

sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo que meu inconsciente me grita. Penso depois: não só para corrigir, como para justificar o que escrevi. Daí a razão deste Prefácio Interessantíssimo” (ANDRADE, 1979, p. 28).

De forma moderna, o autor teoriza acerca da literatura que estava sendo produzida naquele momento e expõe seus conflitos como escritor, reconhecendo que não conseguiu se desprender totalmente de um passado cujas raízes permanecem fincadas em sua obra:

E desculpe-me por estar tão atrasado dos movimentos artísticos atuais. Sou passadista, confesso. Ninguém pode se libertar duma só vez das teorias avós que bebeu; e o autor deste livro seria hipócrita se pretendesse representar orientação moderna que ainda não compreende bem (ANDRADE, 1978, p. 29).

Discute também em seu “Prefácio Interessantíssimo” sobre correntes teóricas tais como Futurismo, Impressionismo, Modernismo, Parnasianismo, Surrealismo e sobre os conceitos de feio e belo, já tradicionalmente conhecidos na arte e na literatura. Vale ressaltar ainda o caráter intertextual do conhecido prefácio do autor de *Pauliceia Desvairada* (1922), que reúne trechos de obras e fragmentos poéticos citados por personalidades das diferentes artes: escritores, pintores, músicos, saudando-os e/ou enaltecendo-os pelo legado da tradição. Por tudo isso que foi apresentado, não se pode tratar da temática dos prefácios sem que façamos esse passeio pelo importante texto de Mário de Andrade.

Os prefácios de Antonio Candido constituem um vasto campo de pesquisa acerca de sua concepção sobre cultura e literatura e mostram muito sobre seu pensamento a respeito do sistema literário brasileiro. Um exemplo disso é o prefácio da obra *Formação da Literatura Brasileira*, no qual o autor discute conceitos-chave de sua produção, tais como a noção de tradição, que trata da existência e da formação do sistema literário brasileiro, de manifestação literária e de literatura propriamente dita, e elenca uma série de motivos que explicam e justificam o seu interesse especial por diversas temáticas – por exemplo, da dialética do localismo e do cosmopolitismo.

A par dessa polêmica, no texto intitulado “Prefácio da 2ª edição”, o autor inicia informando: “Ao contrário do que anunciava o prefácio da 1ª edição, não foi possível acrescentar matéria nova a esta 2ª” (CANDIDO, 1997a, p. 15). Essa preocupação do autor nos ajuda a compreender a função exercida pelo paratexto nas obras literárias e a pensar acerca da utilidade, ao que parece, do espaço ocupado por ele, o qual é

determinante para que compartilhem com o autor-prefaciador certas informações, necessárias ao bom entendimento da obra.

No mesmo prefácio, Antonio Candido retoma a discussão principiada na Introdução à 1ª edição, sobre a noção de literatura como sistema, e literalmente reclama do fato de a crítica ter prestado muito mais atenção na Introdução do que no conteúdo do livro em si, isto é, na obra propriamente dita:

Este livro foi recebido normalmente com louvores e censuras. Mas tanto num como noutro caso, o que parece haver interessado realmente aos críticos e noticiários foi a “Introdução”, pois quase apenas ela foi comentada, favorável ou desfavoravelmente (CANDIDO, 1997a, p. 15).

O crítico reclama, ainda, por não ter a crítica literária, de modo geral, se aprofundado na leitura do seu livro, ficando apenas na superficialidade, não conseguindo construir argumentos para se posicionar:

As ideias teóricas que encerra só aparecem como enquadramento para estudar as produções e ligam organicamente a este desígnio. Tanto assim que devem ser buscadas no próprio corpo do livro, não na sua parte introdutória, voluntariamente sumária e indicativa (CANDIDO, 1997a, p. 15).

O autor censura essa posição assumida pela crítica da época e lamenta que, no Brasil, haja a tradição de se avaliarem obras a partir da leitura, apenas, de seus textos introdutórios, o que não foi a sua intenção:

No Brasil estamos de tal maneira viciados com introduções pomposas, que não correspondem à realização, que preferi uma apresentação discreta, convidando inclusive o leitor a deixá-la de lado se assim desejasse, para buscar o essencial (CANDIDO, 1997a, p. 15).

Ele utiliza o espaço do prefácio, portanto, para desfazer o que, em sua opinião, pode ser considerado um mal-entendido provocado por aqueles que fizeram uma leitura apressada e equivocada da introdução de sua obra.

2. O conjunto de prefácios de Luís da Câmara Cascudo

Buscando entender o discurso prefacial, lendo e relendo os prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo, observamos que a maioria deles apresentava basicamente

o mesmo padrão, ou seja, contemplam os elementos característicos do gênero, tais como informar o leitor sobre a obra prefaciada, apresentar dados da biografia de seu autor, criticar ou analisar o livro para o qual o paratexto foi escrito. Ao pesquisar acerca da origem desses textos, constatamos que eles mantiveram um modelo secular, conforme preconiza a tradição.

Com o intuito de compreender os prólogos cascudianos escritos para obras de diversos autores, chegamos ao seguinte esquema, o qual facilitou a leitura e proporcionou um melhor entendimento do gênero em estudo: a) traz epígrafes impactantes (muitas vezes em outro idioma); b) contextualiza o tema de que trata a obra; c) estabelece relação do tema com a obra e da obra com seu autor; d) trata da relação prefaciador *versus* autor (através de um discurso prefacial convincente); e) apresenta a obra (os pontos mais significativos) para o leitor ilustrando com trechos; f) ressalta a importância da obra para a literatura brasileira e para a sociedade (o que contribui para a construção de uma tradição); g) analisa trechos da obra a fim de comprovar o que afirma sobre ela.

Tudo leva a crer que Luís da Câmara Cascudo desconsidera o que não lhe agradava e destacava o que chamava sua atenção. Essa forte marca do discurso prefacial cascudiano pode ser observada em outros autores e pode ser considerada um requisito dos críticos literários daquele contexto, conforme aponta Antonio Candido (1997b, p. 13), no prólogo de *Poetas do Brasil*, ao analisar a postura adotada por Roger Bastide, sociólogo e crítico literário francês que viveu no Brasil:

[...] visa mais à verificação do que à avaliação, como se Roger Bastide não se preocupasse muito em distinguir o ruim do bom. É que para ele, crítico, mas sobretudo sociólogo, o texto é um feixe de significados e de sinais que, se forem válidos, justificam o interesse.

Ao ler o texto de Candido, observamos que essa atitude de Luís da Câmara Cascudo é semelhante àquela adotada por Bastide, em sua obra, e mostra que essa “camaradagem” presente nos prólogos cascudianos não constitui exatamente uma exclusividade da obra dele; ao que parece, essa posição assumida pelo escritor é bastante comum em perfis de outros intelectuais de sua época e/ou do mesmo contexto.

No conteúdo dos prefácios, de acordo com o modelo tradicional, encontramos as impressões de Luís da Câmara Cascudo a respeito do autor, acerca da obra e sobre o lugar que a obra prefaciada ocupa na Literatura local e nacional. Pode-se afirmar que, nesse processo, ele colaborou com a sistematização da produção literária local por via

de prefácios escritos por cerca de sete décadas. Mas o que surpreende é a forma como o prefaciador elaborou seus prólogos: quase sempre, tratou de analisar trechos das obras que chamavam sua atenção por apresentarem relevância estética, enquanto desviava o olhar de outras, as quais enfocavam mais aspectos biográficos dos autores. Nestes últimos casos, desviava a atenção do leitor para este não perceber que o prefácio não estava fundamentado na análise da obra.

As análises variam de acordo com a forma, o conteúdo e a estética dos textos, além de questões mais amplas, como a relação entre literatura e sociedade. Quando é prosa, ele comenta o conteúdo e/ou temática da obra prefaciada e discute sua relevância literária e social, a exemplo do que está registrado no prefácio à obra *O Calvário das Secas* (1938), de Eloy de Souza (1873-1959). Quando se trata de poesia, ele analisa versos ou até estrofes inteiras, conforme podemos constatar no posfácio de *Livro de Poemas de Jorge Fernandes* (1927), de Jorge Fernandes (1887-1953).

Entretanto, quando se trata de sua própria obra, o autor se utiliza de seu conhecimento sobre as coisas, o mundo e as pessoas para se posicionar acerca do assunto abordado na obra prefaciada. Então, como resultado da crítica literária, em se tratando de obras ligadas à literatura, como *Alma Patrícia* (1921) e *Joio* (1924), por exemplo, tem-se a posição do autor acerca de determinados assuntos relacionados à cultura popular e muitos outros modos de apresentar a sua produção, bem como a variação de características dentro da própria obra, pelo foco de interesse e pela diversidade temporal.

Um aspecto, no entanto, perpassa praticamente todo o conjunto de textos introdutórios do escritor para seus livros: o biográfico. Isso permite, por exemplo, que o leitor desse gênero construa uma biografia do intelectual, ou seja, a história de sua vida, tomando como base as informações obtidas em seus prefácios.

Tratando do gênero já tão utilizado como espaço de discussão de teorias e para explicar posições defendidas pelos autores, Candido (2005, p. 50, grifos do autor) reitera: Para alguns autores é elemento indispensável o *prefácio*, ou *introdução crítica*, na qual o *editor* justifica o seu método e faz a história do texto, mostrando como ele foi sendo reproduzido através dos anos.

Segundo Antonio Candido (2005), o gênero prefácio quase sempre apresenta “grande riqueza de elementos complementares, necessários ao estudo da obra e do autor” (p. 74-5). E, mesmo não estando tratando especificamente dos prólogos

casquianos, o crítico literário nos auxilia no entendimento do gênero em estudo. Essa citação reforça, portanto, a função do paratexto e esclarece sobre seu conteúdo.

3. Do ofício de prefaciador ao labor do crítico

Como, muitas vezes, o trabalho realizado pelo prefaciador – ou seja, a sua prática com o texto literário, que é intermediar o diálogo do livro com o leitor – está diretamente relacionado ao exercício da crítica, logo sua função confunde-se com a do crítico literário; julgamos pertinente refletir sobre a crítica literária, sua função e relevância para os estudos literários, no que diz respeito ao papel que desempenha.

Pensamos que semelhante ao ofício de prefaciador é o labor do crítico literário e, pela afinidade/familiaridade que se observa tanto em uma quanto em outra função, muitas vezes um acaba por ocupar o lugar do outro, muito embora saibamos que o primeiro tem a obrigação moral de elencar apenas as qualidades da obra prefaciada e, portanto, sua estratégia argumentativa é utilizada não para criticar, mas para convencer o leitor de que vale a pena ler a obra prefaciada.

Conforme registra Souza (2011), a crítica literária pode ser pensada a partir de duas perspectivas: a primeira, correspondente ao período chamado de Idade Média ou Era Medieval; e a segunda concepção, que se materializa com o Renascimento – e é com ele que a palavra “crítica” ganha força e estreita seus laços com a literatura. Na Inglaterra, no século XVIII, há registro do termo *criticism* – atividade crítica; *critic* designava a pessoa que fazia a crítica. Com o Renascimento, veio a crítica neoclássica, tendo como modelos gregos e latinos. É a partir daí que se utiliza o vocábulo oriundo do grego *krinein* (julgar); *krités* (juiz); *kriticós* (censor de obras escritas). A palavra aparece em sua forma latina, como substantivo *criticus*, que quer dizer crítico ou simplesmente censor de obras escritas.

Esse retorno ao passado, em busca do modelo perfeito, estabeleceu regras rígidas para a análise das obras literárias do período. A nova forma de pensar dos românticos – simplesmente o pensamento romântico – trouxe consigo novos valores pautados no gosto e na intuição. A chamada crítica romântica tornou-se viva e atuante, pois valorizava aspectos da nacionalidade e das tradições. O Cientificismo baseava suas análises nas ciências que estavam em voga naquela época: psicologia, sociologia e biologia. A crítica realizada a partir desta concepção buscava explicar e comprovar suas descobertas sobre o fenômeno literário. Já o Impressionismo, por sua vez, posicionava-

se fervorosamente contrário ao Cientificismo. Essa concepção desprende-se da Filosofia e aproxima-se da estética, propondo que a análise crítica seja realizada com base na intuição e no senso comum.

É provável que as ideias de Immanuel Kant (1724-1804) tenham contribuído para o surgimento e/ou fortalecimento da “crítica literária de natureza subjetiva”. Isso explicaria a consolidação do Impressionismo, ou da Crítica Impressionista, um século depois das discussões iniciadas pelo filósofo alemão, e reforça a tese de que, por mais que não tenha intenção, ao tomar uma obra para analisar o escritor/crítico deixa suas marcas ou impressões sobre ela, pois ele não se desprende o bastante para ser imparcial e sempre põe um pouco de si na obra que critica.

Machado de Assis, em seu consagrado ensaio “Instinto de Nacionalidade”, chamou a atenção para esse aspecto ao afirmar: “O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (ASSIS, 1873, p. 7). Ao ressaltar que todo escritor é um homem de seu tempo e de seu espaço, o crítico literário, em termos práticos, quer dizer que, ao criar uma obra literária ou ao praticar o exercício da crítica, o percurso natural do processo exige que deixemos nossas impressões.

A iniciação de Luís da Câmara Cascudo no jornalismo, que se deu nas páginas do jornal natalense *A Imprensa* (1914-1927), justifica e explica o fato de ele afirmar ter praticado, em *Alma Patrícia* (1921), a crítica impressionista, por ser essa a forma de se posicionarem os jornalistas da época acerca dos mais variados temas. Pelo que se sabe, essa concepção nasceu concomitantemente à imprensa e uma sempre esteve ligada à outra. A crítica deixa os degraus da academia – crítica acadêmica – para o rés do chão, e assim se torna menos comprometida, e o jornalismo fez um bom uso dessa ferramenta. Sendo, pois, Luís da Câmara Cascudo um jornalista por vocação, lançou mão da crítica impressionista e de seus métodos.

Em seu estudo intitulado “Sílvia Romero: crítico e historiador da literatura”, Antonio Candido (1978, p. ix-xxx) trata do papel de crítico literário exercido pelo escritor de *História da Literatura Brasileira* (1888) e afirma que ele influenciou o pensamento dos intelectuais brasileiros do início do século passado. Poder-se-ia deduzir que isso se estende, também, a Luís da Câmara Cascudo, tendo em vista que verificamos, na nossa pesquisa de campo, ao consultar o seu acervo pessoal, que este último não apenas era um leitor da obra romeriana, mas também prefaciou uma reedição de *Cantos populares do Brasil*, em 1954, cujo prefácio catalogamos. Acreditamos,

portanto, que a atitude crítica adotada por Luís da Câmara Cascudo pode ter suas referências em Sílvio Romero.

Sobre a marcante atuação de Romero como crítico da literatura e da sociedade, disserta Candido:

Não espanta, com isso tudo, que ele tenha influído, simultaneamente, posições radicais em face da cultura brasileira, como a de Otávio Brandão, e posições conservadoras como a de Oliveira Viana. **Que tenha ajudado um homem como Mário de Andrade a definir a sua densa visão da cultura popular, e que tenha influído diretamente no modo de Gilberto Freyre conceber a gênese das classes dominantes** (1978, p. i, grifos nossos).

Como sabemos, havia uma relação estreita entre os estudiosos da cultura brasileira citados por Antonio Candido, por isso temos motivos para acreditar que esses intelectuais, além da relação de amizade, compartilhavam também das afinidades teóricas, isto é, eles foram leitores de Sílvio Romero. Neste sentido, esta pesquisa abre uma questão que deixará em aberto para trabalhos futuros, ou seja, o aspecto comparativo entre as afinidades teóricas de Luís da Câmara Cascudo e de Sílvio Romero. Neste trabalho, a nossa reflexão ficou restrita a apresentar considerações sobre o gênero prefácio e sua função na obra de Câmara Cascudo, com a finalidade de chamar a atenção a respeito da importância dos prefácios cascudianos para o estudo da sua vasta obra.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. "Prefácio interessantíssimo". In: RODRIGUES, A. Medina [et al]. *Antologia da Literatura Brasileira: textos comentados*. São Paulo: Marco, 1979. vol. 2. p. 28-32.

ASSIS, Machado de. *Instinto de nacionalidade*. Disponível em: <<http://br.geocities.com/instinto>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997a.

CANDIDO, Antonio. "Prefácio", in R. Bastide, *Poetas do Brasil*, 2ª ed., São Paulo, Duas Cidades/Edusp, 1997b

CANDIDO, Antonio. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

CANDIDO, Antonio. Sílvio Romero: crítico e historiador da literatura. In: ROMERO, Sílvio. *Teoria, crítica e história literária*. Seleção Antonio Candido. São Paulo, EDUSP, 1978. p. IX-XXX.

CASCUDO, Luís da Câmara. Introdução. In: AÇUCENA, Joaquim Eduvirges de. *Versos*. 2. ed. Natal: Editora da UFRN, 1986. p. 17-29.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Textos de intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

CLEMENTE, Elvo [et al]. *Prefácios de romances brasileiros*. Porto Alegre: Acadêmica, 1986.

DANTAS MONTEIRO, Maria da Conceição Silva. “Luís da Câmara Cascudo: prefácios publicados em jornais e revistas”. In: *Memórias de contiguidades: leituras sobre textos de autores potiguaras em periódicos do século XX*. ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; SANTOS, Derivaldo dos (Org.). João Pessoa/Natal: Ideia/EDUFRN, 2013.

FERREIRA, José Luiz. *Modernismo e tradição: leitura da produção de Câmara Cascudo nos anos 20*. Dissertação. (Mestrado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2000.

GALVÃO, Dácio Tavares de Freitas. *O poeta Câmara Cascudo: um livro no inferno da biblioteca*. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. 1999. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1999.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

ROMERO, Sílvio. A poesia de hoje. In: *Cantos do fim do século*. Rio de Janeiro: Tipographia Fluminense, 1878. (p. V-XXII).

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *Dom Quixote de La Mancha*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958. v I.

SALES, Germana Maria Araújo. *Palavra e sedução – uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826 - 1881)*. 2003. Tese. (Doutorado em Teoria e História Literária) – UNICAMP, 2003.

SOUZA, Roberto Acízelo de. “Crítica Literária: seu percurso e seu papel na atualidade”. In: *Floema – Ano VII*, nº 8, p. 29 – 38, jan./jun. 2011.

TELES, Gilberto Mendonça. *Retórica do silêncio I: teoria e prática do texto literário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

VIEIRA, Cléber Santos. *Entre as coisas do mundo e o mundo das coisas: prefácios cívicos e impressos escolares no Brasil republicano*. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Educação, Universidade de São Paulo, 2008.